

RETÓRICA E CRÍTICA DA LINGUAGEM EM NIETZSCHE¹²

Rodrigo Francisco Barbosa (PUCPR)³

semcentro@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar como o reconhecimento de uma “virada retórica” em Nietzsche resulta em uma demarcada “tensão” que caracteriza certa ambiguidade acerca da linguagem em seu pensamento. Desse modo, no âmbito de apresentar essa mobilização em Nietzsche no interior da discussão sobre a linguagem, examinamos três aspectos fundamentais desse direcionamento àquilo que constitui uma *impossibilidade semântica*: primeiro, identificamos a chamada “virada retórica”; em segundo lugar, aprofundamos o tema a partir da análise da adesão de Nietzsche à tese de Gustav Gerber de que a retórica é a “essência” da linguagem; e, em terceiro lugar, perscrutamos a legitimidade da distinção entre linguagem própria (*natural*) e linguagem imprópria (*retórica*). Portanto, essa *problematização da linguagem* realizada por Nietzsche aparece desdobrada ao longo de sua obra e pode ser observada a partir da heterogeneidade da discursividade que seus escritos tardios contemplam.

Palavras-chave: Nietzsche; retórica; virada retórica; linguagem.

1. INTRODUÇÃO

Como um dedicado filólogo profissional e um “classicista

¹ Recebido: 07-05-2016/Aceito: 29-09-2016/Publicado on-line: 19-01-2017.

² Ao longo do texto as aspas indicam principalmente citação ou paráfrase de outros autores; para o destaque de nomes, termos ou expressões que queremos enfatizar, usaremos o itálico como forma de destaque.

³ Rodrigo Francisco Barbosa é doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

promissor”⁴, Nietzsche obteve acesso privilegiado ao universo cultural da tradição greco-romana no que se refere a literatura e a retórica antiga. Os trabalhos acadêmicos do filólogo Nietzsche, bem como suas preleções enquanto professor de filologia clássica, confirmam a amplitude desse acesso, seja por meio dos “estudos sobre Teognis de Megara” de 1864, seja ainda pela “introdução a retórica de Aristóteles” de 1875⁵. A dimensão simples do “logos” enquanto *palavra* a ser investigada na disciplina filológica parece ter sido a força fundamental de uma certa excitabilidade discursiva em Nietzsche. Tal excitabilidade discursiva somada a uma curiosidade filo-psicológica parece compor, já nesse contexto inicial, a imagem do filólogo Nietzsche formulada por seu mestre Ritschl como a de alguém que “concebe” seus “trabalhos filológicos como um *romancier* parisiense”⁶.

Neste sentido, dentro de um trabalho mais amplo de investigação sobre a linguagem em Nietzsche, o objetivo deste artigo é identificar como há, no jovem Nietzsche, um enfrentamento da linguagem que implica uma problematização via assimilação da “retórica” como um *modus operandi*, ou seja, a chamada “virada retórica”. Dito de outro modo, o reconhecimento de uma “virada retórica”, isto é, de que a “retórica” é a “essência” da linguagem”, conforme veremos, implica o fato de que, por um lado, o “problema da linguagem”, no Jovem Nietzsche, aparece intrinsecamente ligado à

⁴ “Surely as one the more promising and least realized classicists of all time” PORTER, 2014, p. 27.

⁵ Todo esse material está organizado nos cinco volumes que integram a seção II da KGW.

⁶ “Meu velho mestre Ritschl chegou a afirmar que eu concebia mesmo meus trabalhos filológicos como um *romancier* parisiense – de modo absurdamente excitante.” EH, *Por que escrevo livros tão bons* 2, p. 55. Com exceção da edição portuguesa de “Da retórica”, as obras de Nietzsche aqui utilizadas são da edição da Companhia das Letras traduzidas por Paulo César de Souza.

sua assimilação da retórica como meio de pensar uma “gênese da linguagem”; por outro lado, esta “gênese da linguagem” é pensada por um duplo processo: primeiro, como “esboço” realizado por Nietzsche de uma “teoria das figuras” e, em segundo lugar, como uma “tentativa de pensar a percepção com base num paradigma tropológico”. Deste modo, no âmbito de apresentar essa mobilização em Nietzsche no interior da discussão sobre a linguagem, examinamos a partir de três aspectos fundamentais o direcionamento da argumentação a uma *impossibilidade semântica*: primeiro, identificamos a chamada “virada retórica”; em segundo lugar, aprofundamos essa questão a partir da análise da adesão de Nietzsche à tese de Gerber de que a retórica é a “essência” da linguagem; e, em terceiro lugar, perscrutamos a legitimidade da distinção entre linguagem própria (*natural*) e linguagem imprópria (*retórica*). Portanto, essa radical *problematização da linguagem* realizada por Nietzsche aparece desdobrada ao longo de sua obra e pode ser observada a partir da heterogeneidade da discursividade que os escritos tardios contemplam.

2. A “VIRADA RETÓRICA”

A investigação das notas das preleções e textos circunscritos no período de 1869 a 1879⁷ nos permite reconhecer o caráter indissociável entre *linguagem* e *retórica* que promove a chamada “virada retórica” no pensamento de Nietzsche. Isto se evidencia ao reconhecermos o “renascimento interna-

⁷ OTTMAN, 2000, p. 162 e 313; FRIES; MOST, 1994, p. 17.

cional da investigação sobre a retórica” no pensamento de Nietzsche que o *Ditum* de Lacoue-Labarthe confere a esse período decisivo da obra do filósofo alemão⁸. Deste modo, é possível identificar “a retórica” permanecendo “insistente no foco de pesquisa de Nietzsche”⁹ chegando ao ponto de acontecer um “tour” ou mesmo uma “passagem (ou desvio) para a retórica”¹⁰ em seu pensamento. Esta *modificação* ou “desvio”, indicada pelos intérpretes e reconhecida por Martin Stingelin como uma “viragem” (*Wendung*) no pensamento de Nietzsche “devedora” (*geschult*) da leitura do texto de Gerber¹¹, é uma “antecipação” da “retomada da retórica” efetuada por “diferentes movimentos” na segunda metade do século XX¹². No entanto, é necessário destacar o quão complicado é trabalhar com os textos circunscritos neste período de elaboração das preleções¹³. Há uma significativa controvérsia de difícil resolução em torno do contexto de origem destes textos que, no entanto, não abordaremos aqui (OTTMAN, 2000, p. 313).

O que é importante, e que muitos intérpretes têm des-

⁸ “1970/71 - dem Zeitpunkt, zu dem auch Nietzsche von der internationalen Renaissance der Rhetorik-Forschung erfaßt worden ist” STINGELIN, 1995, p. 336.

⁹ „Das seit 1871 vielbeachtete Vorlesungsmanuskript (vgl. Lacoue-Labarthe 1971) hat die Rhetorik nachhaltig in den Brennpunkt der Nietzsche-Forschung gerückt“ OTTMAN, 2000, p. 313.

¹⁰ Respectivamente, quando Stingelin em seu comentário do verbete “Retórica” cita Kremer-Marietti e Lacoue-Labarthe: “tour retórique” e “ce passage (ou ce détour) par la rhétorique” Ibid., p. 313.

¹¹ “An Gerber ist die sprachkritische Wendung der Rhetorik geschult” Ibid., p. 313.

¹² LOPES, 2006, p. 38 e em relação a discussões sobre a linguagem “Before the emergence of Structural Linguistics, Nietzsche is articulating insights that later Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson, and Louis Hjelmslev would systematize and clarify.” BORNEDAL, 2005, p. 25; também “Recently, Nietzsche has been catapulted to the center of discussion in rhetorical theory” HIKINS, 1999, p. 380 e ainda “an increasing number of scholars have begun to draw inspiration from the writings of another nineteenth-century figure, Friedrich Nietzsche” em relação a *reabilitação dos sofistas* CONSIGNY, 1994, p. 05.

¹³ “Die Beschäftigung mit Nietzsches Vorlesungsaufzeichnungen über Rhetorik wird in mehrfacher Hinsicht kompliziert.” HEINEN, 2012.

tacado, é o fato de Nietzsche ter se utilizado livremente de livros de “Friedrich Blass, Gustav Gerber” e “Richard Volkmann”¹⁴. Essa constatação é interessante para compreender como o conteúdo das preleções e ainda o conteúdo e “exemplos” do texto póstumo *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*¹⁵ são articulados em estreita relação com essas fontes, de modo especial, Gustav Gerber (OTTMAN, op. cit., p. 424-5). Mais do que assumir o possível papel determinante da obra de Gerber nesse “enfrentamento teórico” que Nietzsche realiza, interessa-nos pensar a apropriação que o filósofo alemão faz da problematização do “uso próprio e impróprio da linguagem”, para refletirmos sobre como essa problematização pode direcionar o pensamento de Nietzsche a uma *crítica radical da linguagem*. Neste sentido, veremos como essa crítica ao “uso próprio e impróprio” da linguagem assimilada pela leitura do livro de Gerber conduz o problema em Nietzsche de um âmbito “semântico” para um âmbito “pragmático”. Esta mobilização, contudo, acontece a partir de um “duplo movimento”: 1) a hipótese da origem do uso da linguagem e 2) o esboço de uma teoria da percepção num nível neurofisiológico que analisa o “paradigma tropológico” (LOPES, op. cit., p. 57-9). Esse quadro modifica a compreensão de Nietzsche sobre a linguagem na medida em que promove o *rompimento* da “distinção entre uso figurado e uso próprio da linguagem”,

¹⁴ “As scholars have shown, Nietzsche borrowed freely for his account of ancient rhetoric from books by Friedrich Blass, Gustav Gerber, and Richard Volkmann”: “Nietzsche Wortspiel als...” Nietzsche-Studien. ¹⁷ (1998). In: Nietzsche and Rhetoric p. 316 e destaque para as análises das fontes de Gustav Gerber e Lichtemberg de Stingelin: OTTMAN, 2000, p. 424-5.

¹⁵ Texto no qual o *enfrentamento teórico* entre “linguagem, retórica, percepção, conhecimento, verdade” é o mais intenso de sua obra: LOPES, 2006, p. 37.

conforme veremos. Tal *rompimento* acontece sob os argumentos de que não possuímos “critérios semânticos satisfatórios” para realizar esta distinção (Ibid., p. 57). Frente a essa ruptura promovida pela “crítica do conhecimento” sob o pano de fundo da assimilação da tese de Gerber e Lichtenberg, Nietzsche parece desenvolver um esboço de “teoria da linguagem” a partir do diálogo com autores como “Hartmann, Kant, Lange e Schopenhauer”, como destaca a intérprete C. Crawford¹⁶. Esse esforço de Nietzsche de elaboração de um esboço de uma “teoria da linguagem” tem como pressuposto uma *posição cética* encontrada frente a “indissolubilidade” e “contrariedade mútua” das teorias anteriores sobre a gênese da linguagem desde os gregos¹⁷ e que também pode ser vislumbrada a partir do reconhecimento deste “ceticismo” no contexto de seus primeiros escritos no intento de ruptura com o programa da “inevitabilidade antropológica da metafísica” herdado pela influência de “Kant, Schopenhauer e Lange”¹⁸. Deste modo, essa *impossibilidade semântica*¹⁹, que, por exemplo, tem suporte nas investigações atuais da semântica²⁰, gera o deslocamento

¹⁶ “Vor diesem erkenntniskritischen Bruch entwickelt sich N(itzsche)s ‚Sprachtheorie‘ v.a. in der Auseinandersetzung mit Hartmann, Kant, Lange und Schopenhauer, wie Crawford nachgewiesen hat.” OTTMAN, 2000, p. 424-5. Sobre a relação dessas fontes para a elaboração da “Sprachtheorie” de Nietzsche Cf.: CAVALCANTI, 2005.

¹⁷ “Wie hier zum Ausdruck kommt, geht Nietzsche in seiner frühen Beschäftigung mit der Sprachtheorie problematisch vor, indem er die Unauflösbarkeit des Problems in den früheren Theorien sowie deren gegenseitige Widersprüchlichkeit aufzuweisen sucht. **Bei dieser skeptischen Position bleibt [...]**” BEHLER, 1994, p. 104. *Grifo nosso*.

¹⁸ Veja-se de modo especial, a primeira seção do primeiro capítulo da tese de Rogério Lopes intitulada “As consequências [sic] céticas da reformulação do programa crítico por Friedrich Albert Lange” LOPES, 2008, p. 27-40.

¹⁹ Também neste sentido é que a “posição cética” de Nietzsche, tal como veremos adiante, aparece de forma fundamental como um “ceticismo epistemológico” promovido por uma “motivação ontológica” Ibid., p. 20.

²⁰ “Se a intenção de Nietzsche é romper com a distinção entre uso figurado e uso próprio da linguagem.” Cont.

descrito acima e direciona o pensamento de Nietzsche ao que os intérpretes chamam de “virada retórica”. Sobretudo, um dos aspectos mais interessantes da mobilização que Nietzsche realiza em relação à retórica e que, em certa medida, remete a uma espécie de *intenção performativa*, consiste nos três principais argumentos empregados por Nietzsche na seção “O conceito de Retórica” de seu *Curso de Retórica antiga*²¹ para identificar o “extraordinário desenvolvimento” da “retórica entre os gregos” e que serve, conseqüentemente, de *pano de fundo* para a realização daquilo que, em outra ocasião, denominamos “mimesis retórica”²²: são eles, a) a “disponibilidade para a fala e a escuta” entre os gregos em detrimento do “desenvolvimento da consciência científica” dos modernos, b) o “agonismo como a disposição especificamente grega para a dimensão da vida pública” e, finalmente, c) “o gosto grego” pela “dimensão da visibilidade” expressa pelo termo grego “doxa”, em sua função decisiva no âmbito da retórica cuja importância “guarda” ao “orador” certa relação com o “ator” sob a compreensão dos “aspectos teatrais e gestuais contidos no proferimento do discurso”²³. Todos esses elementos, na investigação que im-

guagem, alegando que não dispomos de critérios semânticos satisfatórios, sua posição certamente encontra respaldo nas investigações semânticas mais recentes” Id., 2006, p. 57.

²¹ “Darstellung der antiken Rhetorik” (KGW II/4, 413-520). Doravante usaremos “Curso”.

²² “Mimesis retórica” aqui, deve ser entendida como uma *discursividade característica* que põe em funcionamento algo do âmbito de uma “potência sofística do discurso” cuja efetivação se dá a partir da exploração do “aspecto criativo da linguagem” Cf.: BARBOSA, 2014, pp. 50-69.

²³ Respectivamente, LOPES, 2006, p. 40, 44, 46. O último elemento “dimensão da visibilidade” relacionado ao termo *doxa*, que é exatamente o que mais nos interessa em termos de pensar a *linguagem performativa* em Nietzsche, deve ser destacado como característica fundamental de um modo de *valorar* de um povo transposto no uso e criação de suas palavras: *a linguagem homérica possuía nove verbos para o ato de ver*: “Apenas dois exemplos desta referência tão viva à impressão sensorial: a linguagem homérica tem **nove verbos para a ação de ver**; neles retiveram-se todos os matizes, desde o olhar aberto até ao espiar cauteloso. E que a **riqueza expressiva** desta linguagem nas **pala-**Cont.

plicava “estudar as cores da retórica”²⁴, obviamente a partir de uma adequação própria²⁵, irão perpassar a obra de Nietzsche como aspectos centrais de um *modo de funcionamento e tática filosófico-discursiva* de seu pensamento cuja identificação em certos momentos denominamos como “mimesis retórica”²⁶. Portanto, a *retomada da retórica*, a chamada “virada retórica”, enquanto “crítica radical da linguagem”²⁷, como “atitude de provocação aos hábitos intelectuais da Modernidade” e, especificamente, a retórica compreendida como “um conjunto de dispositivos que visam uma intervenção efetiva no universo do leitor” é resultado de uma crítica interna radical da linguagem que é colocada em funcionamento por meio de uma *discursividade* característica. Se, por um lado, é “ingênua” a posição dos filósofos da tradição acerca daquela distinção (*uso figurado e uso próprio*), por outro lado, a descoberta dessa *essência* retórica da linguagem, a partir da instrumentalização do texto de Gerber, permite a Nietzsche uma *crítica radical* às pretensões epistemológicas da tradição filosófica²⁸ sob o *preço* de orientar seu

bras que designam o mar [...]” LESKY, 1995, p. 83. *Grifo nosso*. Cumpre lembrar que a pantomima do orador presente nos discursos da Antiguidade, pode ser em alguma medida *restaurada* enquanto produção de efeito no leitor: “Isso pode ser preservado em certa medida no discurso escrito, **conforme o autor domine as possibilidades rítmicas da língua**” LOPES, 2006, p. 46. *Grifo nosso*.

²⁴ “He studied the colors of rhetoric” MILLER, 1993, p. 316.

²⁵ Âmbito filosófico, século XIX de uma cultura livresca.

²⁶ Paul van Tongeren comenta que Nietzsche “segue ortodoxas técnicas no arranjo de suas composições” seguindo as 5 regras básicas de elaboração de um texto-discurso da tradição retórica da Antiguidade (*inventio, dispositivo, elocutio, pronuntiatio, memoria*): TONGEREN, 2000, p. 69.

²⁷ „Für die sprachkritische Radikalisierung“ OTTMAN, 2000, p. 424-5.

²⁸ “Nietzsche cultivou ao longo de toda a sua obra um interesse genuíno pela questão puramente epistemológica: devemos conceder ao ceticismo a última palavra em teoria do conhecimento? Estou inclinado a crer que Nietzsche respondeu positivamente a esta pergunta, ainda que esta não tenha sido a questão que orientou prioritariamente suas reflexões filosóficas.” LOPES, 2008, p. 18.

pensamento, essencialmente, a partir daquela descoberta²⁹. Se, como afirma o filósofo, uma *descoberta* é sempre uma *invenção*³⁰, essa descoberta, enquanto direcionamento novo do *modus operandi* do pensamento de Nietzsche, é exatamente o que poderíamos compreender como “virada retórica”.

3. A RETÓRICA COMO “ESSÊNCIA” DA LINGUAGEM

A “virada retórica”, tal como mencionamos acima, acontece no pensamento de Nietzsche por meio da *descoberta* de que a linguagem possui uma espécie de *essência* completamente distinta daquela com a qual a tradição filosófica havia compreendido: a “linguagem” é assimilada como “essencialmente retórica”³¹. Mesmo sendo a descoberta – ou invenção – da suposta “essência” da linguagem, tal convicção deve ser compreendida como uma *convicção estratégica* que permite ao filósofo exercer uma *desconstrução* epistemológica por meio da linguagem³², no sentido em que se pode notar o

²⁹ Vale destacar que este aspecto da instrumentalização que Nietzsche faz de alguns teóricos no âmbito de repensar os procedimentos da Filologia, por exemplo, nessa “virada retórica”, é fundamental para compreender a mobilização de Nietzsche em relação à Antiguidade, seja no caso da retórica a partir do *uso* que ele faz de *Gustav Gerber* e *Lichtenberg*, seja pela tentativa de assimilação da tese de *Valentin Rose* do “pirronismo histórico” que, em seus estudos (De Nietzsche) sobre *Diógenes Laércio* parece fornecer instrumentos de um ceticismo radical para “ler” a Antiguidade Grega. Cf.: “Seção 1 – Nietzsche como filólogo cético e como filólogo do ceticismo antigo” *Ibid.*, 2008, p. 187-202 e, nosso artigo: BARBOSA, 2015b, pp. 273-280.

³⁰ “*Finden/erfinden*” em ABM, 11 e “*Finden/Erfinden*” substantivados em ABM, 12.

³¹ “Não existe de maneira nenhuma a ‘naturalidade’ não-retórica da linguagem à qual se pudesse apelar: a linguagem ela mesma é o resultado de artes puramente retóricas.” NIETZSCHE, 1999, p. 44-45.

³² “As leituras de Nietzsche no final da década de 60 e início da década de 70 nos revelam um autor ocupado intensamente com ciências naturais e teoria do conhecimento” LOPES, 2008, p. 32. É preciso ser cauteloso em relação ao que tomamos aqui como “desconstrução da epistemologia” uma vez que a questão do conhecimento é deslocada e o conhecimento, ou sua possibilidade, deve ser estrategicamente pensada em Nietzsche como investigação da “produção da verdade”. É as-Cont.

reconhecimento daquela *impossibilidade semântica* (LOPES, 2006, p. 57) ao mesmo tempo em que permite operacionalizar a partir de então aquela “mimesis retórica”. No entanto, na medida em que o ponto de articulação desta mobilização é exatamente a “materialidade da linguagem”, o reconhecimento desta “essência” da linguagem não nos permite subordinar “as técnicas retóricas à teoria da linguagem dos tropos” como quer Paul de Man (Ibid., p. 55). Assim, o contexto dessa reviravolta é o das preleções em que o filósofo alemão preparava suas aulas na função de professor de filologia clássica da Universidade da Basileia. Este período é circunscrito por volta dos anos de 1869 a 1879 em que Nietzsche anuncia um total de nove cursos a serem lecionados sobre retórica³³. Estes textos fazem parte dos “estudos filológicos” de Nietzsche e são “uma série de anotações para um curso a ser ministrado na Basileia” em que o filósofo se utiliza de vários “tratados disponíveis na época sobre retórica e eloquência” (LOPES, op. cit., p. 37). É importante salientar a forma ampla e complexa que a atividade do filólogo do século XIX exigia para com a compreensão da linguagem. Nietzsche não escapa a essa demanda e, inclusive, sua controvérsia junto aos filólogos contemporâneos se dá justamente pela proposta de ampliação a procedimentos mul-

sim que a alternativa para dizer que “não existe uma verdade” só pode ser efetivada estrategicamente no âmbito do performativo e seu componente ilocucionário: “If Nietzsche wants to communicate to us that ‘there is no truth,’ he necessarily has to say it. More precisely, in order to make any philosophical claims, he has to engage the illocutionary component of language we call ‘assertion.’” BORNEDAL, 2005, p. 04.

³³ “Die Rhetorik bildet einen wichtigen Schwerpunkt in Nietzsches akademischer Lehrtätigkeit in Basel von 1869 bis 1879. Nietzsche kündigte insgesamt neun Lehrveranstaltungen zur antiken Rhetorik im allgemeinen, zur Geschichte der *eloquentia* und zu einzelnen Autoren (Aristoteles, Cicero, Quintilian) an;” FRIES; MOST, 1994, p. 336.

tiplicadores dessa “ciência”³⁴. Deste modo, não podemos perder de vista a totalidade de *perspectivas* e modos de compreender a linguagem que a formação de Nietzsche pressupõe. O reflexo dessa amplitude pode ser identificado na diversidade dos trabalhos realizados no âmbito da filologia pelo filósofo, suas conferências públicas, *apontamentos* póstumos da época, e os cursos por ele preparados, que vão ser fundamentais para sua compreensão da linguagem enquanto elemento material decisivo a ser explorado³⁵.

Ademais, em uma das principais preleções, o “Curso de Retórica Antiga”³⁶, Nietzsche segue duas tradições: uma orientada pela velha tradição filológica de autores como “Westermann, Spengel, Volkmann, Hirzel e Blass”³⁷ e a outra da “filosofia da linguagem” orientada pela leitura de “Gustav Gerber”³⁸. A “viragem”, acima mencionada, acontece no início dos anos 1870 sob a influência de Gerber e tem sua “ampliação” sob a forma de “crítica da linguagem” e *desestruturação* da “confiança” em relação ao “impulso ao conhecimento da linguagem” pela presente influência de Georg Christoph Lichtenberg (Ibid., p. 425). Especificamente em relação a Lichtenberg, embora expressa de forma sutil, essa influência permite reconhecer as primeiras *mobilizações* de Nietzsche acerca da consideração e instrumentalização

³⁴ Discutimos o contexto da querela em BARBOSA, 2015a, 2015b e PREZOTTO; BARBOSA, 2014, p. 287-304.

³⁵ Um fragmento, por exemplo, dessa época descreve o seguinte: “A linguagem é a coisa mais cotidiana de todas: é preciso um filósofo para se ocupar dela” NIETZSCHE, 1999, p. 89.

³⁶ “Darstellung der antiken Rhetorik” (KGW II/4, 413-520).

³⁷ „Altphilologische Tradition (Westermann, Spengel, Volkmann, Hirzel und Blass)“ FRIES; MOST, 1994, nota 1, p. 19.

³⁸ „Eine sprachphilosophische Tradition (Gustav Gerber, [36] via Gerber die Linguistik und Sprachphilosophie des 19. Jahrhunderts)“ (Ibid., 1994, p. 04) e “Darstellung der antiken Rhetorik” (KGW II/4, 413-520) OTTMAN, 2000, p. 167.

zação posterior que o filósofo irá fazer da *forma aforismática* de suas obras subsequentes³⁹. No caso de Gustav Gerber, a influência é demarcada temporalmente no dia 28 de setembro de 1871, quando Nietzsche empresta na biblioteca da Basileia o primeiro volume de seu livro intitulado “*A linguagem como arte*”. Não analisaremos aqui toda a estrutura do *Curso* e suas conexões com o texto de Gerber⁴⁰. Interessamos explicitar de que modo a compreensão sobre a qual a *retórica é a essência da linguagem* influi no processo de crítica da linguagem e abertura para a dimensão do performativo⁴¹. Para tanto, examinemos o modo como a linguagem é assimilada nesse contexto pelo filósofo alemão.

4. A LEGITIMIDADE DA DISTINÇÃO ENTRE LINGUAGEM PRÓPRIA (NATURAL) E LINGUAGEM IMPRÓPRIA (RETÓRICA)

A problematização da “legitimidade conceitual da distinção entre um uso literal e um uso figurado da linguagem” é fruto das “especulações” de Nietzsche acerca da “origem da linguagem”, que tem como base uma “teoria fisiológica de cunho materialista” no âmbito da descrição do “desenvolvimento de uma língua natural” através de um esquema “tropológico” (LOPES, 2006, p. 49). O ponto central desta

³⁹ “Pascal, os moralistas franceses, Schopenhauer e, especialmente, Lichtenberg são para Nietzsche exemplos do gênero aforismático cujo desenvolvimento ele contribui” TONGEREN, 2004, p. 76. Tradução nossa.

⁴⁰ Seja devido ao fato de Stingelin ter destacado, não apenas que Nietzsche utilizou o texto de Gerber como “base” para a preparação do *Curso* sobre retórica do semestre de inverno de 1872/73, seja especialmente a partir do reconhecimento de que Nietzsche incorpora trechos literais do texto de Gerber, inclusive nos exemplos da “folha” e da “pedra” no póstumo *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral* OTTMAN, op. cit., p. 425.

⁴¹ Cf.: BARBOSA, 2013, pp. 1-13.

problematização é a identificação que Nietzsche faz da noção de “natural” ou “próprio” como sendo “historicamente constituído”⁴², ou seja, na medida em que se observa as transformações da língua a partir de uma abordagem “*diacrônica*”, da qual descreve as modificações históricas da língua no interior de seus usos levando em conta seu contexto⁴³, a noção de “natural” ou “próprio”, como quer Nietzsche, deixa de ter qualquer legitimidade. Em outros termos, a crítica de Nietzsche incide em destacar que aquilo que é considerado como “próprio”, como “linguagem própria”, “natural”, é nada menos do que uma consideração de “natural” determinada pelo seu “uso”. Na medida em que Nietzsche reconhece o problema da legitimidade dessa distinção mantida pelos estudiosos desde Aristóteles como um problema importante a ser considerado para a compreensão da complexidade da linguagem, o filósofo alemão, tal como mencionamos, destaca a impossibilidade de assumir a distinção, a partir de um duplo exercício que caracteriza seu “esboço” de uma “teoria da linguagem”⁴⁴: Primeiro, por meio da elaboração do “esboço de uma teoria fisiológica das figuras” e, segundo, por mais *paradoxal* que seja, através de “uma tentativa de pensar a percepção com base num paradigma tropológico” (LOPES, 2006, p. 55). Consequentemente, a hipótese de Nietzsche, experimentada através desse duplo exercício consiste num “estudo histórico das línguas” que “permita” identificar nelas “o funcionamento

⁴² “Nietzsche chama nossa atenção para o fato de que o conceito de ‘natural’ muda historicamente, de que nossa sensibilidade é historicamente constituída e que, portanto, é preciso contextualizar o uso que fazemos deste conceito.” Ibid., p. 53.

⁴³ Termo utilizado no âmbito da linguística por Ferdinand de Saussure.

⁴⁴ “Sprachtheorie” BEHLER, 1994.

de um impulso metafórico” no sentido de “detectar”, a partir do “modelo metafórico”, “a existência de um trabalho de interpretação operando no nível mais elementar da sensação” (Ibid., p. 59).

Acerca do primeiro *exercício*, o esboço de uma “teoria da linguagem”, Nietzsche elabora, na seção 3 do *Curso* intitulada “Relação da retórica com a linguagem”, uma crítica ao elemento central que promove a distinção entre linguagem “própria e imprópria”: o conceito “natural”. Para o filósofo alemão “não existe de maneira alguma a ‘naturalidade’ não retórica da linguagem a qual se pudesse apelar” (NIETZSCHE, 1999, p. 44-46), ou seja, assimilar e determinar o que seja “natural” na linguagem é demarcar uma espécie de *terreno* pelo qual se autoriza ou não determinadas *designações* que possuam a melhor *correspondência* com uma dada realidade e, sendo assim, o “valor de verdade” dessas designações será a “verdade da correspondência” ou “adequação”⁴⁵. Dito de outro modo, por um lado, será considerada “natural” ou “própria” a designação linguística que se adequar de modo “direto” a uma determinada realidade; já por outro lado, será uma designação “figurada” (retórica) ou “imprópria” aquela que *transpuser*, sob qualquer forma de *tropo*, o significado demarcado pela designação “natural” (Ibid., p. 316). Podemos perceber que por traz dessa *outorga designativa* do que seja “natural” ou “artificial” está a herança aristotélica, e da tradição metafísica, de busca pela “essência” das coisas cujo conceito de “natural” nesta distinção

⁴⁵ “The truth value of such language is a truth of correspondence or adequatio.” MILLER, 1993, p. 316.

é referenciado⁴⁶. Porém, o que Nietzsche enfatiza para dissolver essa distinção baseada no critério de “correspondência” e “adequação” é que toda *designação linguística* é uma operação retórica (*metafórica*)⁴⁷ e que a diferenciação entre “natural/artificial”, “próprio/impróprio”, sob a base sensorial de uma *transposição*, é determinada, sobretudo por uma “imposição cultural” através do “uso”⁴⁸. Isto significa que a noção de “natural” parece aos olhos de Nietzsche um modo de sancionar a *subordinação* da metáfora ao *conceito*, que é uma das prerrogativas do pensamento metafísico conceitual pelo qual Nietzsche apresenta, em contrapartida, em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, a “verdade” como uma “*adaequatio rei et intellectus*”, ou seja, “como obrigatória designação da coisa”⁴⁹. Assim, em concordância com Gerber, a tese assumida por Nietzsche no *Curso* é a de que a “linguagem em sua essência resulta de sua gênese retórica e não de uma lei lógica”⁵⁰. Aqui, “gênese retórica” significa, sobretudo, a descrição de um desenvolvimento originário da linguagem que não tem efetivamente procedência a partir de uma abstração conceitual que *constata* ou *representa* a coisa em sua “essência” à qual busca designar: a origem da linguagem estaria ligada a um processo “retórico” denominado “metáfora”, termo esse que melhor ilustra, para Ni-

⁴⁶ “The complex Aristotelian epistemology connecting the seeing and naming of a thing with access to its essential form lies behind and supports the notion of proper language” Ibid., p. 316.

⁴⁷ “Metaphorischen Charakter der Sprache” BEHLER, 1994, p. 108.

⁴⁸ “Essenzialmente il senso proprio delle designazioni linguistiche non si dà e soprattutto non ne è all’origine; piuttosto si impone culturalmente attraverso l’uso.” MOREA, 2004, p.76.

⁴⁹ “(Im Sinne einer *adaequatio intellectus rei* als verbindliche Bezeichnung der Dinge)” OTTMAN, 2000, p. 330.

⁵⁰ “Nietzsche teilt mit Gerber vorab die These, dass die Sprach in ihrem Wesen und in ihrer Genese rhetorischen und nicht logischen Gesetzen folge“ Ibid., p. 425.

etzsche, a *transposição* original do processo de formação da linguagem. Não há um referencial, uma “linguagem própria”, da qual a “linguagem imprópria”, por exemplo, a metáfora, se produzisse enquanto *desvio*, enquanto *tropo*⁵¹. Eis o ponto fundamental que interessa a Nietzsche no que chamamos de *sua* “mimesis retórica”: o que se tem na origem da linguagem, ou especificamente, na “origem dos usos da linguagem” (LOPES, 2006, p. 56), não é de modo algum um procedimento de comunicação, de transmissão de informação, mas a *transposição* de âmbitos perceptivos que situam a linguagem como sendo “vocacionalmente destinada a um uso performativo”⁵², na medida em que, sob a base daquela *transposição* sensorial, ela *afeta, produz efeito* no interlocutor, sendo a comunicação apenas um outro estágio posterior *moralizado* pela *necessidade de conservação*⁵³. Neste primeiro exercício de esboço de uma “teoria da linguagem” podemos observar o “enfoque” de Nietzsche de “deslocar-se de uma discussão de ordem semântica” para aquilo que poderíamos, com as devidas ressalvas, chamar de âmbito da “pragmática”, através da ruptura com “a distinção entre uso figurado e uso próprio da linguagem” ao destacar a “impossibilidade semântica” de sustentar essa dicotomia pela falta de “critérios semânticos satisfatórios” (LOPES, 2006, p. 57-

⁵¹ “Tropes, it can be seen, are a matter of transference or changing places.” MILLER, 1993, p. 316.

⁵² PAUL DE MAN Apud: LOPES, 2006, p. 60.

⁵³ Essa questão da moralização da linguagem aparece de modo especial no ensaio inacabado *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* em que os âmbitos argumentativos se misturam (discussão que relaciona “linguagem, retórica, percepção, conhecimento, verdade” Ibid., p. 37) e em GC 354, por exemplo, em obras posteriores. Para uma compreensão mais detalhada dessa “moralização da linguagem” veja-se Capítulo II intitulado “Pensando a história da moral a partir do fio condutor da linguagem” de GARCIA, 2011, p. 125-163.

8).

Em relação ao segundo exercício do esboço de uma “teoria da linguagem” realizado por Nietzsche, temos um procedimento investigativo que pode ser designado como uma “teoria neurofisiológica” efetivada, sobretudo, por meio de um “paradigma tropológico” (Ibid., p. 59). Se identificarmos que o “argumento de Nietzsche” no *Curso* é baseado no “significado etimológico do termo metáfora” (Ibid., p. 59) e que metáfora é exatamente um tropo, então, qual seria a relação ou o critério que possibilita a legitimidade desse argumento? Aqui temos como fundamental o exercício que caracteriza este segundo movimento da “teoria da linguagem” de Nietzsche: a base de uma “neurofisiologia” que a partir de uma espécie de “teoria da percepção” busca identificar os “processos de inferência que ocorrem nos tropos” (Ibid., p. 59). A metáfora para Nietzsche é um importante instrumento de exemplificação do processo de “transporte ou deslocamento de sentido” que ocorre no “ato de tradução de uma esfera” perceptiva à “outra”⁵⁴, como isso é possível ser vislumbrado, de forma mais clara, ao analisarmos o ensaio *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*⁵⁵. De acordo com Nietzsche, os processos de designação, já consequência de uma transposição inicial de imagem em sons, oferecem a ilusão no homem de formar, ainda dois níveis depois da primeira transposição, a noção

⁵⁴ “Nietzsche judges metaphor by means of a distinction between degrees of precise usage, as opposed to the Aristotelian notion of degrees in proper usage” MURRAY, 1999, p. 122. E ainda, LOPES, 2006, p. 59.

⁵⁵ “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera” WL, 1.

abstrata de “conceito”, que nomearia alguma coisa de essencial da realidade⁵⁶. O deslocamento produzido por Nietzsche a partir desse argumento é o de salientar os processos anteriores e “descontinuidades resultantes de inúmeras traduções de uma esfera a outra” (LOPES, 2006, p. 59) no nível perceptivo do indivíduo que está muito longe de *conhecer* a realidade ou essência das coisas: “a essência plena das coisas nunca é apreendida”, como afirma Nietzsche, pois, “o homem que forma a linguagem” de modo algum “apreende coisas ou processos”, mas apenas “excitações”, o que no fundo só permite a apreensão de uma “marca” (NIETZSCHE, 1999, p. 44-46). Este é o ponto fundamental para compreender a hipótese de Nietzsche de que é a partir do “estudo histórico das línguas” que se torna possível vislumbrar o “funcionamento de um impulso metafórico” cuja “lógica” de atuação é “similar àquela que comanda nossa apreensão pré-linguística do mundo” (LOPES, op. cit., p. 59). Trata-se de reconhecer nesse nível de apreensão “pré-linguística” “padrões de interpretação” já “determinados”, sobretudo, pelos “tipos de inferência” que fazemos ao utilizar “figuras de linguagem” ou quando as interpretamos (Ibid., p. 59). É assim que, ao descrever esses “primitivos hábitos de inferência”, três figuras de linguagem recebem maior destaque na análise de Nietzsche: a “metáfora”⁵⁷, a “sinédoque”⁵⁸ e a “metonímia”⁵⁹.

⁵⁶ “Toda exigência referencial, além do mais, tem um esquecer por condição e expõe-se por isso como ilusão. Ela é o esquecer da circunstância, porque toda palavra é a metáfora de uma metáfora.” OTTMAN, 2000, p. 330. *Tradução nossa*.

⁵⁷ É importante salientar como Nietzsche destaca o “potencial” de cada tropo ao descrevê-los: “a vantagem das metáforas é de produzir uma impressão sensível”, “Sinédoque. [...] Fenômeno muito poderoso na linguagem” e “também aqui, (Metonímia) fenômeno muito poderoso na linguagem”. Respectivamente NIETZSCHE, 1999, p. 74, 75 e 76.

O que é importante em todo esse esforço de Nietzsche é o reconhecimento – do qual ele “intensifica ao longo de suas obras”⁶⁰ –, do “aspecto antropológico” desses *processos de formação* e “uso” da linguagem. Esse elemento “antropológico” em que a “tensão” é estabelecida junto a “forma de escrita” de Nietzsche⁶¹, além de implicar a possibilidade de *desestabilização da confiança no conhecimento humano vinculado pela linguagem*⁶², e ainda possibilitar o desencadeamento de uma *crítica da moral* a partir de sua “crítica da linguagem”⁶³, demarca, essencialmente, o reconhecimento de Nietzsche do elemento fundamental a ser explorado na linguagem: *a materialidade da linguagem*. Por sua vez, é neste aspecto que os “tropos”, mais especificamente a “teoria dos tropos”, fornece uma série de recursos para enfatizar uma espécie de *crítica à natureza humana* no âmbito de descrever *a esfera antropológica da formação dos processos designativos no cerne das “figuras de linguagem”*⁶⁴.

Portanto, o enfrentamento da linguagem realizado por Nietzsche pode ser interpretado como uma *problematização*

⁵⁸ A sinédoque, como característica de descrição da “parte” em detrimento do “todo”, pode ser identificada ao processo de apreensão “parcial da qualidade mais saliente do objeto”: “A linguagem nunca exprime algo de maneira completa, mas apenas exhibe sempre a marca mais saliente” NIETZSCHE, 1999, p. 75.

⁵⁹ A “metonímia” seria caracterizada pela “permutação entre causa e efeito” LOPES, 2006, p. 59-60 e “torcedura da causa e efeito” (KGW II/4, 446) OTTMAN, 2000, p. 425.

⁶⁰ “Diese Frage verschärft sich im Verlauf von Nietzsches Werk noch, in dem mehr und mehr die Anthropologie in den Vordergrund rückt.” STINGELIN, 1995, p. 337. *Grifo nosso*.

⁶¹ Obviamente em relação a discussão sobre a retórica „anthropologischen Aspekt der Rhetorik“ e “Spannungsfeld zwischen Sprachform/-stilistik und Anthropologie“ (Ibid., 1995, p. 337)

⁶² Conforme vimos a partir da influência de Lichtemberg: OTTMAN, 2000, p. 425.

⁶³ “Le langage est porteur de valeurs” WOTLING, 2001; “na aparente neutralidade da linguagem se escondem valorações (morais), atribuições de valor” PIAZZESI, 2010, p. 77; Em Nietzsche encontramos esse aspecto de modo contundente em WL; e, detalhadamente na interpretação de André Garcia (GARCIA, 2011).

⁶⁴ “Von einem erkenntniskritischen Instrument zur Analyse der menschlichen Natur im Frühwerk” STINGELIN, 1995, p. 338.

radical da linguagem a partir de dois pontos fundamentais que orientam uma preeminente “tensão” no que diz respeito a discursividade de seus escritos: primeiramente, o aspecto de que o “problema da linguagem”, no Jovem Nietzsche, parece intrinsecamente ligado à sua assimilação da retórica como meio de pensar uma “gênese da linguagem”; em segundo lugar, esta “gênese da linguagem” é pensada por um duplo processo: primeiro, como “esboço” realizado por Nietzsche de uma “teoria das figuras” e, por fim, por meio de uma “tentativa de pensar a percepção com base num paradigma tropológico”. A partir de uma ausência de critérios que encerraria uma espécie de “impossibilidade semântica” em estabelecer distinções rígidas entre uma “linguagem literal” e a “linguagem retórica”, a nosso ver, Nietzsche *contorna* ou mesmo *alimenta* esta “tensão” por meio de uma estratégica e experimental *instrumentalização material da linguagem* que coloca em destaque o *aspecto criativo da linguagem*. Os meios para legitimar a plausibilidade dessa nossa interpretação podem ser encontrados numa dedicação exclusiva para com a *discursividade* dos textos de Nietzsche para além de um registro “platônico-aristotélico”⁶⁵. Reconhecer que há um *problema da linguagem* em Nietzsche pelo qual o próprio autor envereda com o auxílio da retórica *como problema* parece ser o ponto fundamental que nos permite, para além de Nietzsche, discutir o *momento* em que a discursividade do filósofo do martelo *toca* o “estatuto sofístico da linguagem” (CASSIN, 2005) para, na *nuance*, devolver à filosofia – talvez com a mesmo “prazer de falar” dos sofistas⁶⁶ –, a possi-

⁶⁵ Especialmente, CASSIN, 2005.

⁶⁶ Trata-se aqui do “kharin logos” confiscado em Aristóteles: “falar é significar alguma coisa, uma Cont.

bilidade da “má compreensão”⁶⁷ e, com isso, o potencial demiúrgico da linguagem.

Abstract: The aim of this paper is demonstrate how the recognizing of a "rhetorical turn" in Nietzsche, results in a marked "tension" featuring certain ambiguity about language in their thinking. Thus, to present this mobilization in Nietzsche within the discussion of the language, we examine three key aspects of this guidance for what constitutes a *semantic impossibility*: first, we identified the so-called "rhetoric turn"; Second, we deepen the theme from the analysis of Nietzsche's accession to Gerber's thesis which rhetoric is the "essence" of language; and, thirdly, we scrutinize the legitimacy of the distinction between proper language (*natural*) and inappropriate language (*rhetoric*). Therefore, this *problematization of language* held by Nietzsche appears unfold over his work and can be seen from the heterogeneity of discourse that his later writings include.

Keywords: Nietzsche; rhetoric; turn rhetoric; language.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rodrigo F.; *Ecce homo: um exercício de pseudoepigrafia sofista*. Sofia, vol. 4, n.1, pp. 127-144, Janeiro/Junho, Vitória (ES), 2015a.

_____. *Nietzsche e a linguagem performativa: performativos explícitos e a fala do martelo*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre de 2013 – Vol. 6 – nº 1 – pp. 1-13

_____. *O símile da mulher e a figura de Circe como “mi-*

só coisa, a mesma, para si e para outrem. A palavra é, assim, a primeira entidade a obedecer ao princípio: uma palavra não poderia ter e não ter ao mesmo tempo o mesmo sentido. Tanto que os sofistas amadores de homonímia e de significante, que não se dobram à decisão do sentido, não são homens; no máximo, plantas que falam. Pois eles falam, todavia; mas para não dizer nada, pela graça de falar.” CASSIN, 2005, p. 08.

⁶⁷“Nicht verstanden werden” GC, 381. Cf.: Especialmente capítulo 2 “A crítica de Nietzsche da razão da sua vida” no item 2 intitulado “A inversão de Nietzsche do problema da compreensão” STEGMAIER, 2013, pp. 44-61.

mesis retórica” em Nietzsche. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 2º quadrimestre de 2014 – Vol. 7 – nº 2 – pp. 50-69.

_____. *Se Nietzsche, então Sofística*. Outramargem: revista de filosofia, Belo Horizonte, n. 2, 1º semestre de 2015b, pp. 273-280.

BEHLER, Ernst. *II. Sprache, Denken und Musik Die Sprachtheorie des frühen Nietzsche*. In: Borsche, T.; Gerratana, F.; Venturelli, A. (Hrsg). ‘Centauren-Geburten’ *Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, vol. 27. Walter de Gruyter, Berlin, New York, p. 99-111, 1994.

_____. *I. Beiträge zu Ehren von Ernst Behler Nietzsches Studium der griechischen Rhetorik nach der KGW*. In: Nietzsche-Studien. Band 27, Walter de Gruyter, Berlin, New York, pp. 1–12, 1998.

BORNEDAL, Peter. *A Silente World. Nietzsche's Radical Realism: World, Sensation, Language*. In: Nietzsche-Studien. Band 34, Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2005.

CASSIN, Barbara. *Efeito Sofístico*. São Paulo: Editora 34. 2005.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. *Símbolo e alegoria: gênese da concepção de linguagem em Nietzsche*. Annablume, São Paulo, Fapesp, Rio de Janeiro: DAAD, 2005.

CONSIGNY, Scott. *Nietzsche's reading of the sophists*. In: Rhetoric Review, Vol. 13, Iss. 1, p. 05-26, 1994.

FRIES, Thomas; MOST, Glenn. *Die Quellen von Nietzsches Rhetorik-Vorlesung*. In: Borsche, T.; Gerratana, F.; Venturelli, A. (Hrsg). 'Centauren-Geburten' *Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, vol. 27. Walter de Gruyter, Berlin, New York, p. 17-46, 1994.

GARCIA, André Luis Muniz. *Vermoralisierung e Entmoralisierung: Da linguagem da moral ao caráter extramoral da linguagem: as diretrizes de Nietzsche para um novo modo de pensar e escrever em filosofia*. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

HEINEN, René. *Zum "Spiel auf der Grenze des Ästhetischen und des Moralischen": Nietzsches Vorlesungen über Rhetorik*. Frankfurt/ Main. Nietzscheforschung Band 9, p. 303-323, 2002.

HIKINS, James W. *The Seductive Waltz: Rhetoric and Contemporary Interpretations of Nietzsche*. In: Quarterly Journal of Speech. Vol. 85, Iss. 4, p. 380-399, 1999.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995.

LOPES, Rogério Antônio. *Elementos de retórica em Nietzsche*. Edições Loyola. São Paulo, 2006.

LOPES, Rogério Antônio. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2008.

MILLER, J. H. *Nietzsche in Basel: Writing Reading*. p. 311-328. In: Journal of Advanced Composition. Volume 13, issue 2, 1993.

MOREA, Donatella. *Genealogia del linguaggio in Nietzsche*. Segni e Comprensione - Rivista Quadrimestrale, ano XVIII n. s., n. 52, 2004.

MURRAY, Peter Durno. *Nietzsche's affirmative morality: A Revaluation based in the Dionysian World-View*. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 1999.

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Disponível em:

<<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em agosto de 2015.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

_____. *Assim Falou Zarathustra*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

_____. *Da retórica*. 2ª Edição. Editora: Passagens, 1999.

_____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

_____. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Hrsg. Giorgio Colli und

Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

_____. *Obras completas*. Volumen II, Escritos Filológicos.

Tecnos, Madrid, 2013.

OTTOMAN, Henning (ed.). *Nietzsche-Handbuch. Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart and Weimar: Metzler, 2000.

PIAZZESI, C. “*Was Alles liebe gerannt wird*”: FW/GC 14, KSA 3.356 como exemplo de exercício pré-genealógico. In: *Cadernos Nietzsche*. 27, pp. 73-116, 2010.

PORTER, James I. *Nietzsche's Radical Philology*. In: JENSEN, Anthony K.; HEIT, Helmut (Ed.). *Nietzsche as a Scholar of Antiquity*. Bloomsbury, London, New York, 2014, pp. 27-50.

PREZOTTO, J. M.; BARBOSA, R. F.; *Nietzsche e o “relativismo linguístico” no século XIX*. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 287-304, jul./dez. 2014. DOI:<<http://dx.doi.org/10.7213/estudosnietzsche.05.002.A002>>.

STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009*. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STINGELIN, Martin. *Die Rhetorik des Menschen Neuer-scheinungen von Angèle Kremer-Marietti, Peter Gasser und Rudolf Fietz zum Thema „Nietzsche und die Rhetorik“*. In: *Nietzsche-Studien*. Band 24, Walter de Gruyter, Berlin, New York, pp. 336-344, 1995.

TONGEREN, van Paul. *Reinterpreting modern culture: An introduction to Friedrich Nietzsche's philosophy*. Purdue University Press e-books OLD, Paper 12, 2000.

TUUSVUORI, Jarkko S.. *Nietzsche & Nihilism: Exploring a Revolutionary Conception of Philosophical Conceptuality*. University of Helsinki, 2000. (Academic dissertation ISBN 951-45-9135-6 (PDF version)).

WOTLING, Patrick. *Le vocabulaire de Nietzsche*. Ellipses Édition, Paris, 2001.